



Imagem e memória como ferramentas de construção da história de Londrina - PR¹

Rosana Aparecida Reineri Unfried²
Orientador: Prof. Dr. Paulo Cesar Boni³

Resumo: A imagem é uma ferramenta importante na recuperação e construção do processo histórico de um determinado local e de um certo tempo. Londrina é uma cidade que tem parte de seu passado suprimido, em função das dificuldades que existiam para documentá-lo, no período do início de sua colonização. Entretanto, a partir da contribuição dos pioneiros, no caso deste trabalho, o Sr. Omeletino Benatto, está sendo possível recuperar parte de sua memória. As fotografias guardadas e lembradas por este pioneiro foram tomadas por câmeras analógicas, portanto, dificilmente alteradas. No entanto, com o advento das tecnologias digitais, as imagens tomadas recentemente estão passíveis de manipulações e alterações, o que gera discussões a cerca do futuro da fotografia histórica.

Palavras-chave: fotografia e memória; história de Londrina (PR); construção histórica; Omeletino Benatto.

1. Início da cidade e de sua história

A história de uma cidade não é apenas composta por suas construções, mas principalmente por seus personagens e suas memórias. Para conhecer e, sobretudo, compreender como estas memórias - orais e imagéticas - foram se fundando, é necessário que estas sejam externadas por quem as vivenciou.

Londrina é uma cidade relativamente nova que se consolidou como município pelo Decreto número 2.519, de 03 de dezembro de 1934. As primeiras pessoas que aqui chegaram, devido à ausência de infraestrutura, estavam mais preocupadas com a sobrevivência e com a construção de uma nova vida em uma nova terra, que em registrar os primeiros feitos (BONI, 2004, p.15). Desta forma, os registros daquela época são escassos. Os ingleses foram os primeiros a chegar com a Companhia de Terras Norte do Paraná, seguidos pelos compradores de terras de outras nacionalidades. De acordo com Boni (2004, p.16) existia um agravante: “boa parte dos pioneiros que

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Graduanda do curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina, email: rosanarunfried@gmail.com

³ Professor Doutor do Departamento de Comunicação do CECA – Centro de Educação, Comunicação e Artes, email: pcbni@sercomtel.com.br



para cá vieram era analfabeta, o que dificultava o registro de dados, mesmo em forma de diários caseiros”.

Além de abrir estradas, para facilitar o acesso ao novo *Eldorado*⁴, outra preocupação era construir hotéis para abrigar os que aqui chegavam (BONI, 2004, p.36). A letra do hino da cidade⁵, escrita por de Francisco Ferreira de Almeida Junior e música do maestro Andréa Nuzzi, em 1958, já antecipava o quão promissora seria esta terra vermelha.

De acordo com Boni (2004, p.20) o acervo fotográfico da década de 30, disponível para consulta em instituições públicas, não é grande, mas existe graças ao esforço de alguns pioneiros em documentar os primeiros feitos. George Craig Smith foi o primeiro fotógrafo amador que Londrina conheceu. Boni (2004) diz que:

Graças a ele, a cidade pôde perpetuar imagens que valem como uma espécie de certidão de nascimento: os desbravadores, as primeiras picadas, os primeiros ranchos de palmito, as primeiras bicas de água, alguns pioneiros, atividades de trabalho e de lazer. (BONI, 2004, p.20).

O primeiro fotógrafo profissional em Londrina foi o Sr. José Juliani, na cidade desde 1933. “Não fosse ele, a história de Londrina não seria tão completa. Juliani foi o grande historiador imagético dos primórdios da cidade.” (BONI, 2004, p.21). Depois de Juliani, vieram na sequência:

Haruo Ohara, com produção amadora, mais familiar e intimista; Antonio José de Mello, que abriu o Foto Mello; Carlos Stender, que fundou o Foto Estrela; e Mineso Matsuo, que se estabeleceu com o Foto Nippon. (BONI, 2004. p.21).

Existem registros fotográficos e documentais no acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, depoimentos gravados em áudio no Centro de Documentação e Pesquisa Histórica e, com certeza, muitos documentos e fotografias inéditas em caixas de sapato ou em gavetas de cômodas nas casas de famílias pioneiras da cidade, esperando para serem recuperados e lembrados.

⁴ Eldorado: Lugar imaginário, cheio de riquezas e oportunidades (Houaiss).

⁵ A música do Hino à Londrina foi objeto de concurso realizado no ano de 1958, pela Prefeitura da cidade. (Site: londrinatur.com.br).



2. Imagens e memória de um pioneiro: Omeletino Benatto

Um desses pioneiros aptos à tarefa, de contribuir para a recuperação de parte da história da cidade, e nosso objeto de pesquisa, é o Sr. Omeletino Benatto, atualmente (2012) com 83 anos de idade, ativo e pleno de suas faculdades mentais. Nascido em 1929, em Ipaussu (SP), chegou à Londrina em 1934, junto com seus pais, João Antônio Benatto e Josephina Furlan Simioni Lourenção, e seus cinco irmãos: Oulivio, Oulindo, Oulinda, Oulavo e Osverildo. Mais três irmãos, os mais novos, nasceram no norte do Paraná: Ouleonirda, Oulevantina e Ousvispertino.

Quando chegaram, encontraram Londrina em seu início. Sr. João Antônio Benatto, contribuiu de diversas formas para a construção e o desenvolvimento da cidade nos anos subsequentes. Sr. Omeletino, conta que quando criança “acompanhava o pai para todos os cantos”, desta forma, mesmo que indiretamente, ele também foi peça da construção da história que estava começando.

Recentemente, o Sr. Omeletino Benatto foi objeto de uma pesquisa para a dissertação desenvolvida pela jornalista Maria Luisa Hoffmann no Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. Com o título *Guardião de imagens: “memórias fotográficas” e a relação de pertencimento de um pioneiro com Londrina*, a dissertação estudou a relação de identidade e pertencimento que o pioneiro cultiva e sustenta com Londrina, por meio de imagens que ele coleciona em sua casa.

De acordo com Hoffmann (2010, p.54):

Toda família tem um narrador, que transmite as histórias para as gerações futuras. Na família Benatto, esse narrador é o Sr. Omeletino Benatto, que aos 81 anos, recorda, com riqueza de detalhes, experiências sociais, histórias locais e lugares da cidade.

Para Kossoy (1999, p.48), a fotografia funciona na mente humana como uma espécie de passado preservado. Segundo o autor, a imagem fotográfica sobrevive após o desaparecimento físico do assunto que lhe deu origem. A memória é perpetuada pelos elos documentais e afetivos; no entanto, a cena registrada jamais se repetirá. “De todo o processo, somente a fotografia sobrevive”, os personagens envelhecem e morrem e os cenários se modificam e também desaparecem.



Olga Rodrigues de Moraes Von Simson, por sua vez, reforça a ideia de que as fotografias são importantes para a preservação do passado. Segundo ela, estamos “constantemente nos valendo de imagens instantâneas da nossa vida [...] para detonar o processo de lembrar e, assim, construir a nossa versão sobre os acontecimentos vivenciados” (SIMSON *apud* SAMAIN, 2005, p.20). Desde então, as máquinas fotográficas baratearam e se tornaram mais facilmente manuseáveis, o que possibilitou um registro imagético, muito maior que pelos livros de memória, cartas ou diários. (SIMSON *apud* SAMAIN, 2005, p.20).

Outros autores, como Halbwachs (*apud* BARROS, 1989, p.30) aposta na memória como peça fundamental para a recriação do passado:

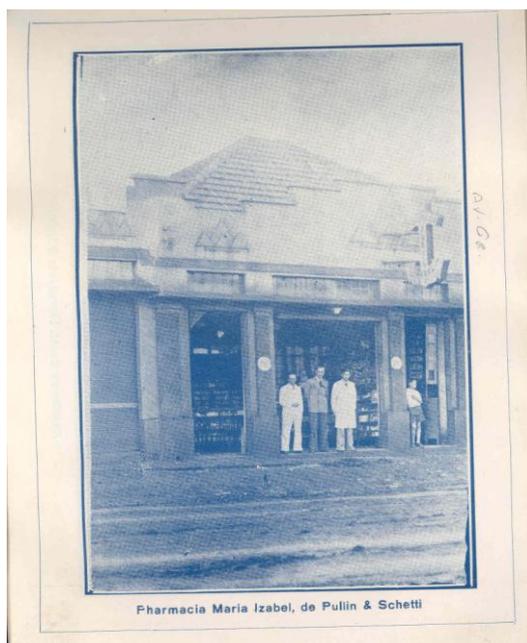
No ato de lembrar, nos servimos de “campo de significados” – os quadros sociais – que nos servem de ponto de referência. As noções de tempo e espaço, estruturantes dos quadros sociais da memória, são fundamentais para a rememoração do passado na medida em que as localizações espacial e temporal das lembranças são a essência da memória.

Sr. Omeletino diz, em entrevista à pesquisadora Maria Luisa Hoffmann, possuir uma “memória fotográfica” privilegiada: “Agradeço a Deus pelo fato de dar-me uma lembrança fotográfica, pois o que meus olhos veem, quase nunca esqueço.” (BENATTO *apud* HOFFMANN, 2010, p.54).

Através de registros fotográficos, guardados no Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, o “narrador” da família Benatto descreve com clareza e riqueza de detalhes construções e lugares da cidade e identifica pessoas presentes em imagens tomadas há décadas. Segundo ele, isto só é possível porque mais do que apenas ouvir falar, ele participou dos fatos. A partir de seus relatos é possível procurarmos, também, por registros escritos para daí, organizarmos a história de maneira consistente.

3. Contribuições do pioneiro

Pharmacia Maria Izabel⁶*



A Pharmacia Maria Izabel marcou época em Londrina. Durante várias décadas foi a maior referência farmacêutica da região, pelo estoque, atendimento, eficiência e seriedade na condução do negócio. De propriedade dos senhores Orestes Medeiros Pullin e José Schietti, foi inaugurada em 19 de junho de 1939, na avenida Paraná, onde hoje ficam as lojas Americanas e Riachuelo. A razão social levava o sobrenome dos dois sócios (Pullin & Schietti), prática muito comum nas constituições de empresas por cotas e responsabilidades limitadas. “O nome fantasia – Maria Izabel – era uma homenagem de Orestes Pullin à sua filha Maria Izabel”. Anos mais tarde, a farmácia inauguraria novas instalações, em prédio próprio de alvenaria, próximo das instalações

⁶ Fontes: Sr. Omeletino Benatto. Entrevista pessoal concedida a Rosana Reineri em 30/01/12 e SCHWARTZ, Widson. **Poder emergente no sertão**, Londrina: Midiograf, 1997, p.87-89.

*Texto adaptado com o auxílio do Prof. Dr. Paulo Cesar Boni.



antigas, na avenida Paraná, 431, “com a frente voltada para a Praça Marechal Deodoro da Fonseca, também conhecida como Praça da Bandeira”.

Orestes Medeiros Pullin era catarinense; José Schietti, paulista. Ambos chegaram a Londrina em 1938, se associaram e fundaram a Pharmacia Maria Izabel em 1939. Trabalharam juntos até 1966, ano da morte de Orestes Pullin. Antes de sua morte, porém, os dois sócios, em reconhecimento aos bons serviços prestados, ofereceram sociedade aos seis empregados mais antigos da empresa.

Em entrevista a Widson Schwartz, para a produção do livro *Poder emergente no sertão*, que narra a história da ACIL – Associação Comercial e Industrial de Londrina, o Sr. José Schietti, então com 82 anos, explicou que esta sociedade durou pouco porque “o varejo tornara-se insuficiente para assegurar a renda desejável de tantas famílias”.

Nos porões da farmácia, em 1969, José Schietti deu início, timidamente, a um novo negócio: “a distribuição de medicamentos para atacado”. Esta nova atividade cresceu enquanto a farmácia propriamente dita definhava em razão do crescimento da concorrência. Em 1982 a Farmácia Maria Izabel fechou suas portas, pondo fim a uma história que durou 43 anos.

A distribuidora, batizada de Equipe – Distribuidora de Medicamentos, Comércio e Representações Ltda., cresceu e inaugurou uma onipotente sede à PR 445, próximo ao Catuaí Shopping Center no espaço hoje ocupado pela Universidade Estadual de Londrina.

Hotel dos viajantes^{7*}

⁷ Fontes: Sr. Omeletino Benatto. Entrevista pessoal concedida a Rosana Reineri em 30/01/12 e YAMAKI, Humberto. **Lembranças e deslembanças**: Álbum Londrina – 1941. Londrina: Humanidades, 2008, p. 10.

*Texto adaptado com o auxílio do Prof. Dr. Paulo Cesar Boni.



Uma das principais preocupações no início de Londrina, em termos de infraestrutura, era a construção de hotéis para alojar os funcionários da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) e receber os compradores de terras, que começavam chegar à cidade.

Esta fotografia mostra um dos mais tradicionais e concorridos hotéis do início de Londrina, o Hotel dos Viajantes. O prédio foi construído em 1938, por Olinto Pedriali, já com características de hotel: vários quartos, refeitório, estacionamento. Ficava no número 680 da avenida São Paulo, entre as ruas Benjamin Constant e Sergipe, em frente à Praça Rocha Pombo, “onde fica o atual museu de artes”. Alguns historiadores dizem que a construção inicial era em madeira, mas as imagens da época mostram que toda a estrutura e paredes do prédio eram em alvenaria, apenas as janelas, forros e assoalhos eram de madeira.

O *Viajantes* ganhou mesmo *status* de hotel em 1943, quando Olinto Pedriali o vendeu para Angelo Parra Carnicer, imigrante espanhol e ex-sitiente de Lins (SP), que chegou a Londrina em 1941 e, de imediato, comprou a Pensão Patriota, que ficava na mesma rua, uma quadra acima (entre as ruas Sergipe e Paraná, hoje Calçadão). Dois anos mais tarde, vendeu a pensão para comprar o Hotel dos Viajantes.

Pela localização estratégica (entre a estação ferroviária e a futura estação rodoviária, inaugurada somente na década de 50) e por ser o primeiro hotel em alvenaria a ter alvará de licença para funcionamento em Londrina, “o Hotel dos Viajantes sempre desfrutou de boa clientela”. Seu principal diferencial era a qualidade da cozinha, que

preparava elogiadas refeições para seus hóspedes e pessoas que o frequentavam apenas para as refeições, como bancários, funcionários públicos e viajantes de passagem por Londrina.

Nos primeiros anos de funcionamento, período em que, em termos de comércio, Londrina era uma espécie de cidade de mascates, o hotel era altamente lucrativo. Anos após sua inauguração, foi reformado, ampliando sua capacidade de 17 para 30 quartos. Na década de 70, quando Londrina começou a consolidar-se como cidade de pluralidade de negócios e a concorrência cresceu muito, o hotel começou a trabalhar no vermelho e seu proprietário, desanimado com o negócio, passou a arrendá-lo. Na última semana de 1995 o hotel foi demolido e “hoje, no local em que ele estava instalado, funciona um estacionamento”.

Residência da família Benatto⁸



Início da década de 40, rua Minas Gerais 1.377, casa em construção da família do senhor João Antônio Benatto, da senhora Josephina Furlan Simioni Lourenção Benatto e filhos. “Projeto feito pelo doutor Odilon Borges de Carvalho, que chegou a ser prefeito interino de Londrina”. O construtor foi o Senhor Antônio de Souza Coelho. No monte de areia, o senhor João Antônio Benatto. A presente casa ainda existe. “No

⁸ Fonte: Sr. Omeletino Benatto em entrevista pessoal concedida a Rosana Reineri em 31/01/12. Texto provisório.



projeto original ela tinha um alpendre em três dos lados, ou seja, do lado norte, sul e frente”.

Nota⁹: “Na época, era muito comum ao pôr as telhas sobre a casa os pedreiros queriam cervejada. Se o proprietário da casa não desse a cervejada era considerado “pão duro”. No caso, meu pai o Senhor João Antônio Benatto, isto não aconteceu. Ele pagou uma caixa de cerveja aos pedreiros e não ficou conhecido como “pão duro”, isso para o orgulho da família”.

4. Fotografia analógica = menor possibilidade de alteração

O sistema analógico de captura de imagens confere à fotografia maior durabilidade e credibilidade. Durabilidade, uma vez que “o negativo ou a cópia analógica reúnem mais condições de perdurar no tempo e de serem conservados e arquivados” (BUIIONI, 2011, p.83). Segundo a autora, as imagens digitais podem ser perdidas facilmente “basta um comando errado ou algum problema no fornecimento de energia”. E credibilidade, no tocante à facilidade de manipulação da imagem digital por meio de *softwares* específicos, o que não ocorria com a fotografia analógica. (BUIIONI, 2011, p.82-83).

Devemos lembrar, no entanto, que as imagens guardadas e lembradas, pelo sr. Omeletino Benatto foram tomadas por câmeras analógicas. Na época do surgimento da cidade de Londrina, era um ato cultural a ampliação das imagens tomadas. Nos dias atuais, com o advento dos computadores e a possibilidade de visualização da fotografia no momento do registro, são poucas as pessoas que ampliam suas imagens. As fotografias permanecem armazenadas em computadores.

5. Construção da história na era da fotografia digital

Kossoy se vale de uma teoria própria para explicar as relações da fotografia com o real (BUIIONI, 2011.p.40). Nesta teoria a fotografia se divide em duas realidades distintas. A primeira realidade seria correspondente ao próprio passado enquanto a segunda, consiste na realidade fotográfica do documento, “referência sempre presente de um passado inacessível. Toda e qualquer fotografia que vemos será sempre uma

⁹ Nota escrita pelo pioneiro Omeletino Benatto.



segunda realidade”, uma vez que a cena registrada não acontecerá novamente (KOSSOY, 1999, p. 36-37).

Ainda existe um preconceito muito grande contra a utilização da fotografia em trabalhos históricos. Prevalece a utilização do signo escrito como meio de conhecimento em detrimento do signo imagético (KOSSOY, 2001, p.19). A compreensão da imagem é interpretativa, podendo variar de observador a observador. Desta forma, jamais será esgotado seu potencial informativo e alcançado seu valor e limites (KOSSOY, 2001, p.21).

Independente de seu conteúdo, devemos considerar as imagens, sempre, como fontes históricas de abrangência multidisciplinar. No entanto, as imagens são apenas pontos de partida, “uma pista para tentarmos desvendar o passado” (KOSSOY, 1999, p.21). O autor explica que “as fotografias não podem ser aceitas imediatamente como espelhos fiéis dos fatos”, (KOSSOY, 1999, p.22), porque assim como os demais documentos, elas “são plenas de ambiguidades, portadoras de significados não explícitos e de omissões pensadas, calculadas, que aguardam pela competente decifração”.

Para ele, o potencial informativo da fotografia:

Poderá ser alcançado na medida em que esses fragmentos forem contextualizados na trama histórica em seus múltiplos desdobramentos (sociais, políticos, econômicos, religiosos, artísticos, culturais enfim) que circunscreveu no tempo e no espaço o ato da tomada do registro. Caso contrário, essas imagens permanecerão estagnadas em seu silêncio: fragmentos desconectados de memória, meras ilustrações artísticas do passado. (KOSSOY, 1999, p.22).

A atribuição de credibilidade ao documento fotográfico, por este ser considerado como “espelho fiel da história cotidiana” pode ser arriscado (KOSSOY, 1999, p.141). Segundo o autor, isto poderá, um dia, dar margem “à criação de um passado que jamais existiu”. Essa construção do passado será possível por meio dos métodos digitais de se fazer e de se editar imagens.

De acordo com Kossoy (1999, p.141), seria:



Uma história construída a partir do documento fotográfico ficcional, porém na escala real; representações de representações. É a vingança da representação contra o referente que a originou: é a realidade gerada em laboratórios de computação gráfica. Uma realidade sintética, sem substância, porém tornada verdadeira, posto que visível fotograficamente.

Isto seria possível, com maior facilidade, com o advento e incorporação das tecnologias digitais aos processos fotográficos. O resultado, segundo Buitoni (2011, p.82), foi:

Chamado de fotografia digital, mas se formos pensar bem, não é exatamente fotografia, porque as câmeras digitais reconstróem imagens por meio de *Softwares*, a partir de informações matemáticas.

Kossoy (1999, p.141), se refere à “multifragmentação dos documentos fotográficos”, que “poderão originar infinitas possibilidades de montagem de cenários, personagens e situações ambientadas que jamais existiram”, tudo isto ocorrerá em função das “ilimitadas condições de manipulação de imagens oferecidas pela tecnologia digital”.

Buitoni (2011, p.28) reforça a ideia de Kossoy e acrescenta que “as imagens digitais caminham num sentido de independência em relação aos referentes do mundo real”. Seria, como explica Baudrillard (1981, p.9), uma substituição do real pelo seu simulacro, uma simulação sem referentes reais. Para Buitoni esta perda do referente “tem provocado reflexões sobre a crise entre a realidade e sua imagem” (BUITONI, 2011, p.28).

6. Considerações finais

Participar da construção do processo histórico e registrá-lo de alguma forma nem sempre foi tão fácil como é nos dias atuais. Londrina tem parte de sua história registrada graças à contribuição de seus pioneiros, tanto os que fizeram e registraram os acontecimentos no início da cidade, quanto os que conservaram essas imagens por todo esse tempo.

Boa parte do passado da cidade ainda não foi recuperada, encontra-se esquecida dentro de cômodas de pioneiros e suas famílias ou até mesmo na lembrança de quem a



vivenciou, esperando que um pesquisador a traga à tona. O Sr. Omeletino Benatto tem feito sua parte neste processo, descrevendo com riqueza de detalhes lugares e construções, e apontando pessoas presentes em fotografias tomadas há décadas.

Ainda hoje existe muito preconceito no que diz respeito à utilização da imagem como documento histórico, principalmente porque a compreensão da imagem é interpretativa, podendo variar de observador a observador. No entanto, devemos deixar claro que ela é uma ferramenta importante, mas não única, no levantamento e recuperação da história de determinado lugar e tempo.

E este preconceito só tende a aumentar com o advento das tecnologias digitais, que permitem a alteração e o tratamento da imagem tomada, diferentemente do que ocorria com a tecnologia analógica, que não possibilitava tal manipulação. Os *softwares* de tratamento digital de imagens possibilitam que se crie, por meio do computador, uma realidade falsa, que jamais existiu. A tecnologia digital chegou para revolucionar a maneira de se fazer fotografia, mas deve ser vista com certa ressalva pela sua capacidade de distorção da realidade no contexto em que a imagem foi tomada.

7. Referências

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.29-42.

BONI, Paulo César. **Fincando estacas!** A História de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: Edição do autor, 2004.

BOUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulações**. São Paulo: Relógio D'água, 1991.

BUITONI, Dulcilia Schroeder. **Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem**. São Paulo: Saraiva, 2011.

HOFFMANN, Maria Luisa. **Guardião de imagens: “memórias fotográficas” e a relação de pertencimento de um pioneiro com Londrina**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Universidade Estadual de Londrina, 2010.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 3 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.



KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2 ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. Imagem e memória. In: SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**, 2 Ed. São Paulo, Senac, 2005, p.19-32.

SCHWARTZ, Widson. **Poder emergente no sertão**. Londrina: Midiograf, 1997.

YAMAKI, Humberto. **Lembranças e deslembranças: Álbum Londrina – 1941**. Londrina: Humanidades, 2008.